



Marta Pinto

## OPINIÃO

# Como escapar às dentadas de Cronos

Há poucos dias, o atleta no *top* do golfe mundial Rory McIlroy afirmou que, para sanar a perda anual de milhares de praticantes por ano, o golfe precisa de ser mais rápido, deve adaptar-se aos novos tempos, à cultura do instantâneo: “as pessoas não têm tempo para passar cinco a seis horas em campo”.

27 de Dezembro de 2014, 17:08

Na mesma notícia do The Guardian são igualmente referidas experiências recentes para apressurar as modalidades do cricket e do ténis. Os desportos nunca foram a minha especialidade e como tal seria audaz contestar tais propostas ou práticas. Apenas poderei constatar que vivemos numa permanente pressa. O yoga já é praticado em versão rápida, a meditação pode ser feita num minuto, as histórias infantis para os pais lerem às crianças na hora de dormir assemelham-se a aforismos, as refeições são confecionadas em dois minutos, os alimentos são produzidos em menos de metade do tempo habitual, censuramos se a resposta àquele SMS não é imediata...

Na cultura ocidental lidamos com o tempo de uma forma quase obsessiva. Vivemos simultaneamente em dois extremos: não temos tempo e queremos fazer tudo ao mesmo tempo.

Por um lado, corremos diariamente para conciliar os nossos afazeres, o trabalho, a família e muitas coisas acabam por não ter cabimento nas horas que compõem um dia: simplesmente não temos tempo. É a chamada “pobreza de tempo”. A pobreza de tempo reflete-se numa perda de bem-estar individual e pode ter consequências mais amplas na sociedade, como demonstram os resultados de um estudo realizado pela Universidade de Princeton em 1973, que apontou que o principal fator que determina a nossa disposição para ajudar alguém necessitado é a percepção de termos ou não tempo para o fazer.

Por outro lado, quando dedicamos tempo a uma qualquer atividade, é frequente não desfrutarmos dela, ou porque queremos fazer várias em simultâneo, ou porque já estamos antecipadamente a cogitar sobre a seguinte. Experimenta-se esta ansiedade ao correr entre pontos de interesse numa curta viagem turística a uma qualquer cidade, com o dedo pronto para disparar a máquina fotográfica e não parando para observar a vida quotidiana, sentir os espaços, notar os detalhes. Experimenta-se ainda quando durante um jantar com amigos estamos a trocar mensagens com outros, para dar alguns exemplos não hipotéticos. A isto chamo “tempo pobre”. Enriquecer o tempo significa usá-lo com consciência para estabelecer uma verdadeira ligação com as pessoas, com os lugares, com os ciclos da natureza e com a vida.

Como contraponto à vida acelerada surgiu há uns anos um movimento que promove as virtudes de um estilo de vida no qual algumas coisas devem tomar o seu tempo e não ser apressadas (*slow movement*). Um exemplo transversal da filosofia deste movimento refere-se à forma de preparar os alimentos e de tomar as refeições (*slow food*). Advoga em contrariar a comida rápida, instantânea e inconscientemente emborcada com um exercício consciente de escolha de ingredientes, de

preparação dos alimentos e de ritual de mesa. Na essência, defende enriquecer o tempo confeccionando e desfrutando de refeições com ética, estética, consciência, ligação à natureza e relações humanas. Esta filosofia aplica-se a muitas outras facetas da nossa vida, como a forma de viajar, de gerar dinheiro, de educar, de ler...

Na mitologia grega, Cronos era considerado o criador do tempo. Uma das representações mais famosas de Cronos é a de um deus que devora os seus filhos. Também nós seremos em algum momento tragados pelo tempo, mas até lá podemos evitar as dentadas de Cronos assumindo autêntica posse do nosso tempo.

**Investigadora da Universidade Católica Portuguesa – Porto.  
Coordenadora do Centro Regional de Excelência em Educação para o  
Desenvolvimento Sustentável da Área Metropolitana do Porto**

*A autora escreve de acordo com as regras do novo Acordo  
Ortográfico*

Investigadora da Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa, no Porto